

REVISTA DIREITOS HUMANOS: PARA QUÊ(M)?

UMA NOVA AGENDA URBANA QUE GARANTA O DIREITO AO ACESSO ÀS CIDADES NO SÉCULO XXI

ESEDH

André Átila Bonilauri Mendes¹

Vivemos em um mundo volátil, incerto, complexo e ambíguo. O chamado mundo VUCA, expressão adaptada do contexto militar para o mundo dos negócios, talvez ofereça uma das melhores definições para os dias de hoje.

Afinal, as novas tecnológicas impulsionam a capacidade de difusão de conhecimento e da própria inovação. Vivemos em um mundo que tende a exponencialidade, onde as mudanças acontecem cada vez mais rápidas.

O mundo é líquido, fruto da modernidade, o que afeta a própria construção da cultura (Baumann) e, conseqüentemente, transforma a organização das cidades, bem como a relação das pessoas com ela. Afinal, cidades são uma tradução prática das nossas necessidades de organização social.

Prever o futuro é uma tarefa um tanto quanto arriscada e algo que nem sempre dá certo, mas que por vezes indica caminhos. Na virada do século XIX para o XX, entre os anos de 1899 e 1910, um grupo de artistas fez uma série de desenhos intitulada "França no ano 2000", através da arte mostraram suas ideias de como seria o século 21.

Sonhavam com carros voadores em máquinas de transferência de conhecimento automático, porém não havia nenhum vestígio de algo parecido com a internet ou com o mundo digital que vivemos.

Arthur Clarke, autor de obras como “Areias de Marte” e “2001: uma odisseia no espaço”, e de ideias revolucionárias como enviar satélites para o espaço e, assim, estabelecer uma rede de comunicação a nível global, foi um dos primeiros a prever já na década de 60 a internet. Sua previsão cabe muito bem nos dias de hoje, um mundo globalizado e conectado, onde pessoas podem, cada vez mais, trabalhar de suas casas ou de qualquer lugar onde tenham uma boa conexão com a internet.

Como apontou Clarke, possivelmente as novas maneiras de organização de trabalho e necessidades diferentes farão com que as cidades como compreendemos hoje possam desaparecer dando espaço a um grande subúrbio.

As cidades estão em constante mudança, mas para onde estamos caminhando? A pandemia de 2021 mostrou novamente que há uma grande capacidade de adaptação e resiliência, tanto nos humanos quanto nas cidades, quase que instantaneamente muitos trabalhos e serviços tiveram que se adaptar ao mundo digital.

O que diferencia a sociedade moderna das tradicionais é uma mudança fundamental no modo da coesão social (Durkheim), estamos em uma transição de época, o mundo não é mais “moderno”, mas sim digital e conectado pela IOT. Muito provavelmente estes fatos pressionarão ainda mais o mundo no sentido de mudanças velozes também nas relações entre as pessoas e o trabalho, o estudos e família.

Nesta nova realidade como ficará a coesão social (Durkheim; Weber)? Teriam as mudanças tecnológicas a capacidade de transformar a maneira como nos socializamos e, conseqüentemente, a forma como nos organizamos? Isto já está acontecendo!

Se o advento da industrialização fez com que evoluísse uma nova forma de solidariedade. (THORPE et.al, 2016), que tipo de solidariedade surgirá na revolução industrial 5.0? Qual será o modo que as sociedades desenvolverão para unir indivíduos em um corpo coeso e unido?

O acesso à cidade é um Direito Humano e coletivo, as cidades devem cumprir o papel de proporcionar tanto o acesso aos serviços públicos quanto aos espaços de convívio.

A ideia de ter tudo num raio de 15 minutos a pé ou de bicicleta é o novo objetivo de várias cidades, conceito logicamente chamado de cidade 15 minutos. Apesar de novidade a ideia não dará conta do que estamos vivendo, afinal em grandes centros urbanos quanto de investimento seria necessário para disponibilizar serviços para todos em um raio de 15 minutos? Principalmente nas grandes periferias do mundo.

Parte da sociedade se adaptou rapidamente às mudanças. Escolas têm aulas a distância, as reuniões são digitais e até mesmo as academias se adaptaram aos treinos on-line. As novas tecnologias, a velocidade exponencial das mudanças e a volatilidade que se apresenta indica a possibilidade ter a “cidade” formal nas mãos, ou seja, todos os serviços públicos na tela do celular. O que deixaria todo o processo mais rápido, menos burocrático e mais barato para os cidadãos.

Isto faz com que o foco das cidades mude, bem como o próprio conceito mais superficial do que é serviço público. Ou seja, se posso ter acesso ao serviço de documentos, atendimento da segurança social e banco a distância de um toque, quais seriam os serviços destinados aos espaços públicos?

Podem dar espaço ao encontro de pessoas para discutir, desfrutar e experimentar a cidade de maneira diferente da que temos como usual. Socializar é uma necessidade, se não precisaremos sair de casa para estudar, trabalhar ou ter acesso a bens e serviços, precisaremos sair para o contato humano, aquilo que o digital não alcança. Pelo menos não ainda.

Espaços que podem ser preenchidos de maneira autoral e que podem ser aproveitados como uma ágora do século XXI, centros de interação social tão fluidos quanto os tempos em que vivemos.

A administração pública deve estar atenta para que possamos garantir o acesso a cidade para todas as pessoas, mesmo com as transformações cada vez mais rápidas.

Podemos usar isso tudo como uma oportunidade de incluir mais pessoas nos processos decisórios da cidade ou como forma de segregar ainda mais subúrbios e as pessoas que neles vivem da cidade que todos deveriam compartilhar.

Para que não mudemos pela dor e por motivo do colapso da cidade é preciso colocar esta discussão na agenda, afinal a cidade do amanhã já começou ontem e precisaremos fluir como água em um mundo líquido.

Referências:

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Editora: Polity, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Editora Schwarcz, Companhia das Letras, 2001.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JOHNSON, A.G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LING, Anthony. **A impossível cidade policêntrica**. Abril 2020. Disponível em: <<https://caosplanejado.com/a-impossivel-cidade-policentrica/>>. Acesso em: 15 de mar. 2021.

MACHADO, S.M. **Skills, Tools&Competencies – STC Artigo VUCA**. 2017 Disponível em: <<https://hotsites.fdc.org.br/hotsites/mail/stc/artigo/artigo.pdf>>. Acesso em: 15 de mar. 2021.

MAIA, M. R. **Cidade Instantânea (IC)**. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. 2013.

RAUD-MATTEDI, Cécile. **A construção social do mercado em Durkheim e Weber: análise do papel das instituições na sociologia econômica clássica**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.20 no.57 São Paulo, Feb. 2005.

SEGNINI, Liliana. **O que permanece quando tudo muda? Precariedade e vulnerabilidade do trabalho na perspectiva sociológica**. CADERNO CRH, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 71-88, 2011
THORPE, C. et al. **O livro da Sociologia**. São Paulo: GloboLivros, 2016.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. In: WEBER, M. 1864-1920. **Textos selecionados**. Sel. e trad. de Mauricio Tragtenberg. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção os pensadores).

ESEDH